



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/10/2022 a 20/10/2022

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>14/10/2022</b>	13,83	418,50	69,57	8,59	6,89
<b>17/10/2022</b>	13,85	411,00	66,84	8,61	6,83
<b>18/10/2022</b>	13,72	401,80	68,74	8,49	6,81
<b>19/10/2022</b>	13,72	401,70	70,64	8,41	6,78
<b>20/10/2022</b>	13,91	413,30	70,42	8,49	6,84
<b>Média</b>	<b>13,81</b>	<b>409,26</b>	<b>69,24</b>	<b>8,52</b>	<b>6,83</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	170,00	
RS – Não Me Toque	170,00	
RS – Londrina	167,00	
PR – Cascavel	165,00	
MT – C.N.Parecis	159,00	
MS – Maracaju	172,00	
GO - Rio Verde	163,00	
BA – L.E.Magalhães	160,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	89,00	CIF
Porto de Paranaguá	91,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	65,00	
MS – Maracaju	73,00	
SP – Itapetininga	81,00	
SP – Campinas	85,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	95,00	
RS – Não Me Toque	95,00	
PR – Londrina	96,00	
PR – Cascavel	96,00	

Período: 19/10/2022

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 20/10/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,00	173,64	94,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
20/10/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,79
Feijão (saco 60 Kg)	230,00
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,75
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,81**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,83

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Setembro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, se mantiveram estáveis nesta semana, com leve viés de baixa. O primeiro mês cotado, após recuar para US\$ 13,72/bushel durante a semana, fechou a quinta-feira (20) em US\$ 13,91, contra US\$ 13,95/bushel uma semana antes.

Esta situação se dá, em particular, à forte pressão da colheita nos EUA, além de um mercado externo sem grandes novidades. Ao mesmo tempo, avança o plantio da soja na América do Sul, com indicativo de uma futura safra recorde.

Em relação a colheita da soja nos EUA, até o dia 16/10, a mesma atingia a 63% da área semeada, contra a média histórica, para esta data, em 52%, confirmando o seu estágio acelerado. Por sua vez, das lavouras a colher, 15% estavam em condições entre ruins a muito ruins, 28% regulares e 57% entre boas a excelentes.

Enquanto isso, as exportações de soja pelo país norte-americano, na semana encerrada em 6 de outubro, atingiram a 724.400 toneladas da oleaginosa, com a China comprando mais de 620.000 daquele total. O volume total exportado ficou dentro do esperado pelo mercado. Em todo o presente ano comercial, os EUA já exportaram 28,2 milhões de toneladas, contra pouco mais de 26 milhões no mesmo período do ano anterior. O USDA estima que serão exportadas, pelo país, nesta safra, 55,7 milhões de toneladas do grão de soja. Em relação aos derivados de soja, os EUA exportaram 491.100 toneladas de farelo de soja neste novo ano comercial, iniciado em 1º de outubro, volume este que ficou acima do esperado pelo mercado. Em óleo de soja, na semana do 6 de outubro, as exportações atingiram a 3.300 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado.

Pelo lado da demanda, a China vê o risco de seus estoques de soja diminuírem ainda mais diante dos atrasos nos embarques nos EUA. Tais atrasos ocorrem devido a problemas logísticos no país norte-americano, em particular a baixa vazão do rio Mississippi, em função da seca, que impede a livre navegação de barcas e navios. Assim, os atrasos impactam nos preços em Chicago, enquanto a oferta apertada de farelo de soja impulsionará os preços do suíno na China. Os suinocultores chineses estão procurando fontes alternativas de proteína, pois reduziram a quantidade de farelo de soja na ração, o que deve sustentar os preços da carne suína naquele país. Por sua vez, nos EUA os transportadores reduziram os reboques de barcas em quase 40% e diminuíram a quantidade de grãos carregados em cada barcaça para evitar encalhe em cursos d'água ressecados pela seca.

Já no Brasil, os preços da soja subiram levemente, puxados por um câmbio que chegou a se aproximar de R\$ 5,30 em alguns momentos da semana. Com isso, a média gaúcha, no balcão, fechou esta terceira semana de outubro em R\$ 173,64/saco, enquanto as principais praças negociadoras ficaram em R\$ 170,00. Já nas demais praças nacionais, o saco de soja oscilou entre R\$ 159,00 e R\$ 172,00.

Dito isso, o plantio da atual safra de soja 2022/23 chegou a 19,1% até o dia 14/10, enquanto a média histórica é de 15%. No Paraná, o plantio chega a 29%, contra a média de 34,2%. No Rio Grande do Sul, os trabalhos iniciaram com 0,2% semeado. No Mato Grosso, a área já atinge 41%, contra a média de 26,6%. No Mato Grosso do Sul,

o total plantado ocupava 15%, contra 17,3% na média. Em Goiás, o plantio chegava a 17%, contra a média de 8,8%. Em São Paulo, a semeadura estava em 15%, contra a média de 7,6%; e em Minas Gerais atingia a 8%, superando a média que é de 5,4% para esta data. A expectativa é de que os produtores brasileiros de soja semeiem 42,9 milhões de hectares em 2022/23, sendo esta a maior área da história, com aumento de 2,6% sobre o total semeado no ano passado. A produção total nacional deverá atingir, em clima normal, a 151,5 milhões de toneladas, a partir de uma produtividade média de 59,2 sacos/hectare. Isso significa um aumento de 20,3% sobre a parcialmente frustrada safra passada (cf. Safras & Mercado).

Reforçando os dados anteriores, segundo o Imea, o Mato Grosso havia semeado, até o dia 14/10, cerca de 41,4% da área prevista para a soja. Mesmo com o importante avanço na semana anterior, até aquele momento o plantio mato-grossense estava atrasado, em relação aos 45,1% semeados no ano anterior, porém, bem acima da média histórica que é de 24,2% naquele Estado. O Mato Grosso, maior produtor nacional da oleaginosa, espera colher, neste ano 2022/23, um total de 41,8 milhões de toneladas de soja.

Enfim, pelo lado das exportações gerais do país, a Conab projeta um total de 95,9 milhões de toneladas de soja em 2022/23, ou seja, um incremento de 22,5% sobre o ano comercial anterior.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente apresentaram um viés de baixa nesta semana, com o bushel do cereal fechando a quinta-feira (20) em US\$ 6,84, contra US\$ 6,97 uma semana antes.

Dito isso, a colheita do milho, nos EUA, até o dia 16/10, atingia a 45% da área semeada, contra 40% na média histórica. Por outro lado, do cereal a ser colhido, 21% apresentava condições entre ruins a muito ruins, 26% regulares e 53% entre boas a muito boas.

Por sua vez, as vendas externas de milho estadunidense, na semana encerrada em 06/10, atingiram a 200.200 toneladas, ficando abaixo das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial dos EUA o país exportou, até o momento, 13,3 milhões de toneladas de milho, contra 27 milhões no mesmo período do ano anterior. O USDA estima exportar um total anual de 54,6 milhões de toneladas do cereal. O fato é que o milho estadunidense está muito caro, enquanto a China se mantém ausente do mercado pelo lado comprador.

De forma geral, existem preocupações quanto aos preços internacionais do milho, os quais podem se elevar nos próximos meses diante da redução da safra dos EUA; da continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia; e de uma produção menor na Argentina em função de problemas climáticos. Este aperto na oferta poderá durar até maio do próximo ano, segundo alguns analistas (cf. hEDGEpoint Global Markets).

No que diz respeito à Argentina, o plantio de milho local está sendo o mais lento dos últimos seis anos, devido a seca prolongada, lembrando que o vizinho país é o terceiro

maior exportador de milho do mundo. Segundo a Bolsa de Rosário, o milho plantado precocemente representaria apenas 10% do total do ciclo 2022/23, nas principais áreas de produção. Esse seria o nível mais baixo em uma década. A Bolsa, atualmente, prevê uma produção de milho, em 2022/23, de 56 milhões de toneladas na Argentina, acima dos 51 milhões de toneladas atingidos pela seca no ano anterior, embora o número desta temporada provavelmente seja revisado para baixo devido ao atual clima seco. Até meados de outubro os agricultores argentinos plantaram 1,6 milhão de hectares com milho, abaixo dos 2,8 milhões de hectares plantados no mesmo período do ano passado.

E aqui no Brasil os preços do cereal se sustentam nos níveis das últimas semanas, com alguma recuperação pontual, graças as importantes exportações do país. Assim, a média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 84,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores se mantiveram entre R\$ 65,00 e R\$ 85,00/saco. Já na B3, o fechamento desta quarta-feira (19) registrou o contrato de novembro/22 cotado a R\$ 87,30/saco; o janeiro/23 a R\$ 92,15; o março/23 a R\$ 95,40; e o maio/23 ficou em R\$ 94,03/saco.

Dito isso, o plantio do milho de verão no Centro-Sul brasileiro atingiu a 38,9% da área esperada, em 14/10, contra a média histórica de 42,3% para esta data (cf. Datagro).

Pelo lado das exportações, nos 8 primeiros meses do ano de 2022 as mesmas atingiram a quase 18 milhões de toneladas, contra 10 milhões em igual período de 2021. Neste contexto, o milho nacional vem vivendo uma realidade positiva, sendo que as exportações de agosto superaram em 81,8% àquelas realizadas em julho do corrente ano (cf. Abramilho).

Por sua vez, segundo a Conab, a produção total brasileira de milho deverá crescer de 112 milhões de toneladas no ano passado, para quase 127 milhões no corrente ano comercial. O aumento da produção se deve ao incremento da 1ª safra, saindo de 25 para 28,6 milhões de toneladas, e um recorde de produção da 2ª safra, que sobe de 85,6 para 96,2 milhões, ou seja, um aumento de 12,4%. A 3ª safra terá um pequeno recuo de 2,1 milhões para 1,9 milhões de toneladas. Assim, a segunda safra brasileira, popularmente conhecida como safrinha, representa 80% do total produzido em milho no país. Em termos estaduais, a previsão de incremento é de 7,2% em Mato Grosso, subindo de 41,6 para 44,6 milhões de toneladas; 17,2% no Paraná, subindo de 16,4 para 19,2 milhões; 33,3% em Goiás, subindo de 9,7 para 12,9 milhões; 18,4% em Minas Gerais, subindo de 7,6 para 9,0 milhões e de 99% no Rio Grande do Sul, subindo de 2,9 para 5,7 milhões de toneladas. Já o Estado do Mato Grosso do Sul terá uma redução de 8,7%, caindo de 12,1 milhões para 11,1 milhões de toneladas.

Especificamente no Paraná, até o início da presente semana, 78% da área de milho de verão havia sido semeada. O plantio enfrenta dificuldades naquele Estado devido ao excesso de chuvas e frio fora de época. As chuvas, inclusive, têm causado erosões em áreas da região Noroeste paranaense. De forma geral, o desenvolvimento das lavouras de milho paranaenses segue em ritmo lento. Há relatos de que o crescimento das plantas está atrasado devido à baixa temperatura e à pouca luminosidade.

Pelo lado das exportações, nos primeiros nove dias úteis de outubro o Brasil exportou 3,2 milhões de toneladas de milho, ultrapassando em 81% o volume total exportado em

todo o mês de outubro de 2021. Entre fevereiro (início do ano comercial brasileiro para o milho) e setembro de 2022 o Brasil já exportou 22 milhões de toneladas. Considerando que se espera vendas ao redor de 6 milhões de toneladas, em outubro, (a Anec espera 7,2 milhões de toneladas) o total chegaria a 28 milhões, de um total de 40 milhões estimados pelo mercado para todo o ano comercial. Diante do exposto, a recomendação, aqui, é que também o produtor brasileiro faça média de comercialização. Enfim, o preço obtido pela tonelada exportada estava em US\$ 288,00, com alta de 36,2% sobre a média do ano passado (cf. Secex).

A projeção, feita pela Anec, para o período de janeiro a outubro ficou em 32,8 milhões de toneladas de milho exportado, contra 20,6 milhões de toneladas em todo o ano de 2021, quando a produção quebrou por conta da seca e geadas.

Enquanto isso, o Brasil importou 175.677 toneladas de milho nos nove primeiros dias úteis de outubro. Isso significa que o país recebeu 34,9% do total de milho importado em outubro de 2021. Enfim, o preço pago pela tonelada importada recuou 6%, atingindo a US\$ 224,20.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta semana. O bushel do cereal chegou a bater em US\$ 8,41, se recuperando um pouco, na sequência, para fechar a quinta-feira (20) em US\$ 8,49, contra US\$ 8,92 uma semana antes.

Destaca-se que, nos EUA, o plantio do trigo de inverno, até o dia 16/10, chegava a 69% da área total, contra 68% na média histórica. Deste total, 38% havia emergido até meados de outubro.

Por sua vez, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, da safra 2022/23, atingiram, na semana encerrada em 06/10, um total de 211.800 toneladas. Tal volume ficou dentro do esperado pelo mercado. Assim, em todo o ano comercial 2022/23, iniciado em 1º de junho, os EUA exportaram 8,32 milhões de toneladas de trigo, contra 8,21 milhões no mesmo período do ano anterior. A estimativa é de uma exportação total no ano ao redor de 21 milhões de toneladas.

Já na Argentina, a Bolsa de Rosário reduziu mais uma vez a previsão de colheita do trigo local. A mesma, agora, ficaria em apenas 15 milhões de toneladas, ou seja, 7 milhões a menos do que as primeiras projeções indicavam. Seria a pior safra do cereal nos últimos sete anos no vizinho país. Lembrando que no ano anterior a produção total de trigo, na Argentina, foi de 23 milhões de toneladas.

Enquanto isso, no Brasil, diante da quebra de safra na Argentina, da continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, de um Real um pouco mais desvalorizado, e particularmente de prejuízos em algumas regiões produtoras dos três Estados do Sul brasileiro, a tendência de preços do trigo nacional foi revertida. Assim, houve alta dos mesmos nesta semana, com a média gaúcha atingindo a R\$ 94,00/saco, enquanto as principais praças estaduais negociaram a R\$ 95,00. Já no Paraná, os preços se estabeleceram em R\$ 96,00/saco.

Efetivamente, no Rio Grande do Sul, chuvas e ventos acamaram as lavouras em maturação, na região do Alto Uruguai, assim como interromperam a colheita em algumas áreas. No Planalto Superior, o alto volume das precipitações, no início do enchimento de grãos preocupa devido a suscetibilidade de doenças fúngicas. Nas lavouras da Campanha e Zona Sul, as chuvas foram benéficas. Houve granizo, nesta semana, em algumas localidades. No Paraná, as chuvas recentes atrasam a colheita. A produtividade está abaixo do esperado, porém, a maior parte da qualidade dos grãos é boa. Em Santa Catarina, chuvas nas regiões produtoras causam perdas qualitativas e quantitativas em algumas lavouras, principalmente as que se encontram em floração. As doenças fúngicas, de final de ciclo, manifestam-se em algumas áreas e seu controle tem sido dificultado em decorrência da alta umidade (cf. Agrolink).

Ainda no Rio Grande do Sul, segundo a Emater, a área semeada com trigo ficou em 1,4 milhão de hectares, a produtividade média projetada está em 3.200 quilos/hectare (53,3 sacos/hectare) e a produção total final deverá ficar em 4,6 milhões de toneladas. Neste último caso, há um aumento de 32% sobre o volume inicialmente projetado. Até o dia 13/10 a colheita atingia a 4% da área, contra 11% na média histórica.

No Paraná, até o dia 17/10, em torno de 54% da área de trigo havia sido colhida, sendo que, das lavouras a colher, 12% estavam em condições ruins, 28% regulares e 60% boas.